

A Ressignificação dos Mutirões de Roça na Zona Urbana de Pirenópolis/Goiás: o trabalho em diferentes lugares

Maria Cristina Campos Ribeiro (FM, PG), cristinacampospiri@gmail.com

SEDUCE/ TECCER- UEG

Maria Idelma Vieira D'Abadia (PQ), midabadia@bol.com.br

Pós Doutora em Geografia, TECCER/UEG

Resumo: Esta pesquisa parte da Geografia/História Cultural, objetiva analisar os mutirões rurais em Pirenópolis-GO e sua ressignificação na atualidade. A construção metodológica utiliza-se da descrição do lugar e do espaço festivo através dos relatos presentes nos diários de treição (1971) da senhora Marlene Pereira, do mapeamento das localidades descritas, situando (tempo/espaço) experiências e tipos de mutirão, memórias e representações simbólicas. Em Pirenópolis, ainda existem comunidades rurais que se encontram para partilhar suas experiências e saberes em mutirões festivos, religiosos e de trabalho. Também ocorrem na zona urbana, principalmente em festas religiosas, essa estrutura e organização comunitária para o trabalho. A análise das relações de trabalho em tais momentos, pode clarear importantes aspectos desse labor em que predomina, ainda hoje, a solidariedade e ajuda mútua. A compreensão das formas de organização do trabalho nos mutirões rurais bem como, de suas representações simbólicas, pode ajudar a compreender como e por qual razão, essa prática se perpetua na cidade, revelando aspectos históricos e sociais dessa solidariedade presente em lugares diversos.

Palavras-chave: Mutirões. Trabalho. Histórias de Vida. Lugar. Pirenópolis

Introdução

Pirenópolis, cidade histórica localizada no interior goiano, foi um dos muitos núcleos populacionais que se desenvolveu a partir da exploração do ouro em meados do século XVIII, na Capitania de Goiás (CURADO, 2010, p.21). Com o fim do ciclo do ouro houve uma ruralização na qual a economia de subsistência se consolidou, bem como, formas diferenciadas de trabalho, entre elas, os mutirões (SANTOS, 20013, p.133).

De modo geral, a relação entre os indivíduos e a natureza, representa toda criação humana estando diretamente ligada à maneira como se estabelecem os diferentes modos de vida. Esse sujeito ao criar, recria-se, ao transformar o mundo, transforma-se, expandindo as possibilidades e necessidades, “que o impulsiona à contínua transformação. Alcança também a ordem imaterial, levando-o a expressar

sua subjetividade por meio das artes, teorias, ciências, religiões, ideologias (TARDIN, 2012, p.180).

Os mutirões na “roça” representam um fazer coletivo em que a prerrogativa é a solidariedade e ajuda mútua. Atos práticos e gestos simbólicos (BRANDÃO, 2008) se agregam e consolidam um momento único em que festa, religiosidade e trabalho não representam quebra alguma no cotidiano, mas partes indispensáveis à relação com o lugar vivido, percebido e imaginado (ressignificados).

O estudo das relações de trabalho na forma de mutirões, revela duas perspectivas importantes: espaço e tempo. Historicamente, a maneira como o mundo rural é percebido pelos camponeses revela a profunda ligação com a terra enquanto espaço próprio, onde a vida se constrói a duras penas e muitas vezes com lutas para protegê-lo, bem como o direito de estar em casa. O tempo, em relação aos processos de fixação do homem rural, revela múltiplas temporalidades e descontinuidades em que antigos mutirões ainda acontecem na atualidade, havendo práticas que desapareceram ou foram resignificadas. A memória estabelece a ponte entre espaço e tempo dando clareza aos símbolos ou representações dessas medidas tão subjetivas.

Segundo Bordieu (2007, p. 182), há uma esfera social, que se inscreve em nós, que compartilhamos, resignificando-a. Nesse contexto, relatos e registros de mutirões, cantos de trabalho e a religiosidade passam a ser ferramentas simbólicas de trabalho que, assim como uma alavanca, o impulsionam tanto internamente, na sua individualidade, quanto coletivamente o fortalecem, como quando as mãos são dadas ao se carregar um fardo, tornando-o leve. Representam anseios, esperanças e potencialidades, trazendo em seu bojo, valores, saberes, tradições, lutas e a memória dos pirenopolinos.

Material e Métodos

Esse projeto está sendo desenvolvido na cidade de Pirenópolis, tendo como foco os mutirões de trabalho na zona rural e urbana. Tem como viés o diário da Sra. Marlene Pereira com relato de três mutirões de festa. A partir da análise dessa fonte, pode-se apreender, como as narradoras percebem e registram esses momentos

festivos: as representações, religiosidade, musicalidade, relações sociais, conflitos e a relação com o espaço vivido.

A partir dessa análise será feito o mapeamento dos povoados/comunidades rurais descritos no diário com levantamento e análise de experiências de mutirões, relação entre ciclos de cultivo e ciclos festivos através de histórias de vida, entrevistas e pesquisa de campo.

Seguindo um caminho compreensivo-descritivo, a fim de observar/inferir/concluir-se, intenta-se uma análise dos aspectos simbólicos e estudo comparado dos mutirões rurais e urbanos, pelos elementos que o cercam (o trabalho, os cantos, a religiosidade) na relação da sua historicidade com a produção de um lugar cuja paisagem perpetua os valores e as identidades culturais pirenopolinas.

O desenvolvimento do trabalho sustentar-se-á fundamentalmente na pesquisa documental e de campo alicerçando-se nas consultas bibliográficas. A pesquisa bibliográfica levará em conta o levantamento histórico, a inferência de teóricos que discutem as categorias mutirão/trabalho, lugar, história de vida/memória e discurso. Além disso, pesquisar-se-á as categorias, canto de trabalho e religiosidade.

Resultados Parciais e Discussão

Até o momento realizou-se pesquisa bibliográfica, análise do diário de Treição da senhora Marlene Pereira (1971) e entrevistas com moradores da zona rural e urbana em que memórias e histórias de vida revelaram importantes aspectos do cotidiano daqueles que viveram/vivem a construção de práticas e representações através do trabalho (BOSI, 1994).

O que apreendeu-se até o momento, é que, em Pirenópolis, para grande parte das famílias camponesas a passagem do rural ao urbano, onde o camponês, em busca de melhores condições de vida, se estabeleceu na grande maioria dos casos, na borda das cidades, esteve repleta de muitas dificuldades, superações, resistências e adaptações.

Esse fluxo de ocupação dos espaços urbanos não trouxe apenas as pessoas para a cidade, mas suas representações e identidades, expressas em mutirões

urbanos com ações solidárias ligadas principalmente às inúmeras festas religiosas do município, sendo o trabalho, fator que materializa tais festividades.

Considerações Finais

Em Pirenópolis há pequenas comunidades rurais e familiares que ainda utilizam, de alguma forma, os mutirões como prática de trabalho onde laços afetivos, religiosidades, representações simbólicas e necessidade de colaboração, para assegurar o sustento e apoio na lida no campo, fortalecem as práticas solidárias.

Na atualidade, essas práticas se presentificam principalmente em mutirões festivos e religiosos. Percebe-se profunda ligação familiar em que diversas redes se consolidam, agregando espaços urbanos e rurais, onde as pessoas se encontram para realizar coletivamente trabalhos diversos que assegurem a estrutura da propriedade rural, festas familiares e tradições religiosas (folias, rezas, novenas, terços).

Agradecimentos

Agradeço a Deus, minha família, orientadora, professores e colegas pela ajuda e presença.

Referências

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 214 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Festas de Trabalho. In: **Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro**. TV Escola/SEED/MEC Brasília, 2008.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia – Paisagens de Festa e de Fé: uma comunidade percebida pelas festividades**. (318 f.) Tese de Doutorado. IESA/UFG, Goiânia, 2010.

SANTOS, Rossevelt José. A dimensão cultural das paisagens rurais do cerrado. In: ALMEIDA, G. de. RATTTS, A. G P. (Orgs.). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 133-158.

TARDIN, José Maria. Cultura Camponesa. In: SALETE, Roseli Caldart, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo** – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.